

## RESENHA BIBLIOGRÁFICA

**THE ORGANIZATION OF ACADEMIC WORK**, de Peter M. Blau.  
New York, John Wiley and Sons, 1973. 310p.

Fernando C. Prestes MOTTA\*

O estudo sistemático das universidades sob um prisma organizacional tem quase nenhuma tradição no Brasil, ao contrário daquilo que ocorre nos Estados Unidos.

Entre nós a tradição é mais de auto-celebração e mais recentemente histórica e sociológica mais geral, quando não filosófica e antropológica.

O estudo de Blau pouco esclarece sobre poder ou sobre as funções da universidade norte-americana na reprodução de um determinado tipo de sociedade.

Da mesma forma não esclarece muito sobre a burocracia universitária enquanto grupo social agindo segundo uma determinada lógica.

É, entretanto, rico, no que se refere à descrição do tipo de organização que este grupo faz prevalecer. O texto segue as linhas tradicionais de análise funcionalista e relata uma pesquisa realizada em 115 universidades e faculdades norte-americanas.

O primeiro ponto importante a ser levantado diz respeito à semelhança que as universidades exibem com relação aos demais tipos de organização formais.

O segundo ponto diz respeito ao fato de que a organização burocrática afeta a vida acadêmica de várias formas.

Assim, o caso das universidades caracterizadas por muitos níveis hierárquicos tem como contrapartida um prejuízo no trabalho pedagógico que se torna extremamente depersonalizado, além de

---

\* Professor Assistente Doutor do Departamento de Administração Escolar e Economia da Educação. Faculdade de Educação. USP.

revelar uma preocupação com a eficiência que faz mais sentido na produção em massa do que na educação.

Outro aspecto se refere à automação da universidade que leva a uma centralização de autoridade na cúpula administrativa de forma particularmente forte nesse tipo de instituição.

Também o uso de meios mecânicos no trabalho pedagógico exhibe uma relação inversa com o número de estudantes que terminam o curso ou que, terminados os cursos, entram, em novos programas, possivelmente devido à sua natureza pouco estimulante.

Um terceiro ponto importante diz respeito à maior capacidade de inovação das grandes universidades quando comparadas às pequenas.

A convivência de especialistas de campos diversos frequentemente favorece a descoberta de interesses comuns que levam com frequência ao desenvolvimento de novos programas ou departamentos.

Todavia, a excessiva rigidez na departamentalização está, correlacionada a um mal desempenho acadêmico da mesma forma que a reunião num mesmo departamento de especializações muito diversas tende a gerar conflitos de efeitos geralmente deletérios.

As grandes universidades ricas pagam melhores salários, o que lhes dá condições de recrutar e selecionar professores mais qualificados e mais comprometidos com a pesquisa.

Normalmente, essas universidades exibem maior diferenciação departamental, têm professores mais produtivos e uma maior produção científica em serviços de publicações. Tendem também a ter um maior e melhor contingente de pessoal de apoio e a apresentar uma estrutura mais descentralizada.

Outro ponto de grande importância diz respeito aos salários dos professores universitários. A pesquisa revela que nenhuma outra variável tem mais impacto na tração e na atuação dos docentes do que os altos salários que geralmente estão ligados a boas condições de pesquisa e de docência.

Por outro lado, nas universidades que pagam pior, a subordinação dos professores ao estafe administrativo é maior e sem prestígio e poder menores.

Os bons estudantes, por sua vez tendem a procurar universidades onde a distância entre a cúpula e a base sejam menores e o trabalho acadêmico mais pessoal.

A burocratização nas universidades americanas afeta negativamente o ensino, mas não a pesquisa, cuja administração é quase sempre mais flexível e privilegiada.

A análise desenvolvida por Blau leva-nos a refletir bastante, sobre a realidade da universidade brasileira.

Depois de 68, principalmente, conseguiu-se a proeza de se adotar o que há de pior nos modelos americanos e europeus. Temos uma universidade elitista, autoritária e acrítica, quando pensamos em termos gerais.

A pesquisa é relegada a segundo plano e, submetida à carreira. Os fundos de pesquisa são escassos e estão via de regra, fora da universidade e do alcance de maioria dos professores.

A estrutura da maior parte das universidades brasileiras é altamente centralizada e os salários, em termos gerais, são irrisórios e incompatíveis com a dedicação que o magistério superior exige.